



## PSDB já perde espaço com PMDB na oposição

“Se eu fosse da turma do Covas, estaria chorando de arrependimento”. Frases como esta, do deputado Maurílio Ferreira Lima (PMDB-PE), podiam ser ouvidas ontem em diversos pontos do plenário da Constituinte, onde um dos assuntos centrais das conversas foi o destino do PSDB caso o PMDB entre efetivamente na oposição.

Na opinião de Maurílio, o novo partido foi constituído exatamente pelos que estavam insatisfeitos com o apoio peemedebista ao Governo. “Eles surgiram afirmando que fariam o que o PMDB deixou de fazer porque desviou-se de seus rumos históricos. Pois bem: se voltarmos aos antigos trilhos, simplesmente não haverá espaço para os tucanos”.

Mesmo entre os pessedebistas, a coincidência de posições entre o “PMDB à moda antiga” e o novo par-

tido é reconhecida francamente. A deputada Maria de Lourdes Abadia, que foi do PFL, admitiu que um PMDB oposicionista terminaria disputando o mesmo espaço que o PSDB. “Acontece que eles sempre apoiaram o Governo e se saem agora é por puro oportunismo político, devido à proximidade das eleições municipais. Por que o senhor Renato Archer não deixou o Ministério antes?”, indagou a parlamentar brasileira.

O deputado José Costa, também do PSDB, disse que torce pela vitória dos progressistas na convenção do PMDB, mas assegurou que nem na oposição seu antigo partido disputará espaço com o atual. Perguntado sobre a diferença entre os dois, excluindo a posição em relação ao Governo, ele só soube apontar uma: o programa pessedebista defende o parlamen-

tarismo, o peemedebista não.

Para o ex-deputado João Gilberto, o surgimento do PSDB forçará o PMDB a adotar posições mais progressistas na Constituinte, até por conveniência eleitoral. O que ele duvida é que o partido entre na oposição ao Governo: “Saem dois ou três ministros apenas, mas o resto fica. O PMDB tem dezessete Ministérios e é, para todos os efeitos, o grande responsável por este Governo”.

A mesma posição foi assumida pelo senador Fernando Henrique Cardoso, líder dos tucanos no Senado. Ele garantiu que deseja sinceramente ver o PMDB na oposição — “Seria bom para o País” —, mas entende que mesmo assim os dois partidos teriam espaços distintos junto ao eleitorado. “Viemos para ficar”, afirmou.

### Novos ministros serão políticos

ção dos substitutos dos nossos ministros demissionários”.

Parlamentares ligados ao Planalto não confirmaram notícias de que seriam extintos os Ministérios da Reforma Agrária, da Cultura e da Ciência e Tecnologia, cujas atividades seriam absorvidas pelos Ministérios da Agricultura, Educação e Indústria e Comércio, respectivamente.

O presidente do PDS, senador Jarbas Passarinho (PA), afirmou ontem que, na sua opinião, “a tempestade já passou”, mas deixou duas consequências: o crescimento da imagem política do presidente Ulysses Guimarães (PMDB-SP) e uma maior sensibilidade para os acordos em torno da reforma da Constituição.

Com exceção dos dissidentes, liderados pelo senador Marco Maciel (PE), os parlamentares do PFL estavam todos desanimados. O deputado Ricardo Fiúza (PE), um dos principais líderes do Partido, dizia ontem, em várias rodas, que “não estava entendendo mais nada”.

### CRÍTICAS

O senador Passarinho procurou, pela manhã, Ulysses Guimarães para ponderar-lhe que, em seu discurso, cometera um erro de avaliação ao defender a equivalência de aposentadorias nas áreas urbana e rural e em relação à situação da previdência. Ele considera de sua obrigação fazer essa advertência. Contudo, acha que o presi-

dente José Sarney, em seu pronunciamento, enganou-se também com a crítica ao sistema de reajuste das aposentadorias.

Em termos políticos, Passarinho entende que o discurso de Sarney teve um efeito benéfico ao favorecer, querendo ou não, os acordos para retirar alguns excessos da atual Constituição. Outra consequência foi o inegável fortalecimento da candidatura de Ulysses, que entrou no plenário para ser consagrado — e foi.

O seu receio de “nuvens negras”, expressão que usou nos últimos dias com alguma frequência, está desfeito. A votação aprovando a nova Constituição foi aceita e há, agora, somente a preocupação em aperfeiçoá-la, o que será conseguido.

### SAMURAI

O PFL tinha ontem três grupos. No primeiro, os 13 que votaram não ao projeto, estavam tensos, sérios, mas satisfeitos. A maioria do grupo acha que marcou uma posição e será compreendida pelo eleitorado

que representa. Não se sentem frustrados com a derrota acachapante.

O segundo grupo, o que se absteve, atendendo à recomendação do líder José Lourenço, está desarvorado. O constrangimento era visível. O que todos reclamavam era da falta de uma estratégia e de comando, atribuindo a responsabilidade pela votação inexpressiva ao Governo. O líder Lourenço lembrou que dos candidatos a prefeitos somente um, Maurício Campos (MG), teve coragem de se abster. (Ver matéria na página 7). “É um homem a quem respeito muito” — comentou.

### APOIO

O terceiro grupo era dos dissidentes, que votaram a favor do projeto. Eles acham que com a posição dos governistas, contrários à nova Constituição, ficou mais fácil obterem o apoio das bases estaduais para a convenção nacional e estão convencidos de que a atitude tomada será muito bem aceita pelo eleitorado. Havia, também, um sabor de desforra contra o Governo.

# Militares querem acordo para sucessão

TARCISIO HOLANDA  
Enviado Especial

Rio — Ulysses Guimarães teve o cuidado de telefonar para o ministro do Exército, general Leônidas Pires Gonçalves, a fim de lhe comunicar que, diante do pronunciamento do presidente da República de crítica à Constituinte, o qual considera injusto, não lhe cabia outra alternativa senão oferecer resposta à altura. Leônidas, extremamente cauteloso, respondeu que as Forças Armadas, particularmente o Exército, não se envolveriam na questão.

A alta hierarquia militar está tão preocupada com a sucessão presidencial quanto a opinião pública, os políticos e jornalistas. Deseja ardentemente que não aconteça nada de anormal até lá,

com receio de uma explosão social que a recessão econômica poderá provocar, enquanto trabalha intensamente em busca de uma alternativa eleitoralmente viável para a sucessão de Sarney, cujo Governo reconhece chegar agora ao ocaso.

Para que haja sucessão presidencial em 1989 é necessário que o País atravesse a nado um oceano encapelado e revoltado provocado pela crise econômico-financeira, particularmente os devastadores efeitos sociais da corrosão inflacionária.

Essa realidade torna indispensável permanente acordo político, entre o presidente Sarney e o importante presidente do PMDB, o veterano Ulysses Guimarães. Os militares acompanharam com certa apreensão o desen-

rolar do conflito entre o Executivo e a Constituinte, sem o desejo de tomar partido em favor de qualquer dos lados, mas notoriamente partilhando das preocupações do Governo com certas medidas da Constituinte consideradas excessivamente liberalizantes.

Como a intervenção é uma perspectiva ainda remota, segundo essa análise, os militares torcem em encontrar uma alternativa em matéria de sucessão presidencial, sendo, hoje, o nome mais forte o do ex-presidente Jânio Quadros. Discutem-se fórmulas de composição de maneira a fortalecer a sua candidatura como a mais consistente para enfrentar Brizola, avisando-se, desde já, que se o político gaúcho vencer uma eleição

limpa tomará posse, como qualquer outro.

Entre figuras moderadas do meio militar não se afasta a possibilidade de que os mais extremos possam cometer algum desatino.

Brizola trabalha intensamente a área militar, empenhando-se, agora, em convidar para seu ministro do Exército o general Diogo Figueiredo, irmão do ex-presidente Figueiredo.

Segundo esses informantes, Brizola trabalha o meio militar com a garantia de que ele é o único líder político capaz de combater o comunismo, cuja febre ameaçadora continua a povoar a cabeça de muitos militares. Enquanto não se chega à hora da verdade, à sucessão presidencial, chefes

militares de relevo trabalham para que a transição se complete sem risco de interrupções.

Não se acredita que Ulysses seja um candidato presidencial viável, mas se credita grande importância ao papel que possa desempenhar, lembrando-se que, pragmático, superado por Tancredo, ele soube se recompor para comandar o processo de transição.

No PMDB, o nome forte que surge é o de Quêrcia, para esses setores. O governador de São Paulo teria um acordo secreto com Jânio, a que Ulysses não estaria alheio. Quêrcia apoiaria Jânio, Jânio apoiaria Quêrcia, se não for candidato. A São Paulo atribui-se peso preponderante na sucessão, como não poderia deixar de ser.



Passarinho: não mais nuvens negras

## Brossard critica Ulysses

Porto Alegre — “Por que transformar um fato natural em algo perigoso?”, indagou ontem o ministro da Justiça, Paulo Brossard, ao reiterar que não houve qualquer espécie de confronto entre o presidente José Sarney e o presidente da Assembleia Nacional Constituinte, Ulysses Guimarães. “No Brasil, nos esquecemos de divergir e democracia é a administração das divergências”, reiterou.

O Ministro reconheceu a soberania da Constituinte para deliberar sobre os pontos contestados pelo presidente Sarney, mas criticou Ulysses Guimarães pelo fato de, em seu discurso, não ter expulso os números apresentados. “Não houve sequer análise, dos números e das questões pelo dr. Ulysses. Agora a Assembleia é que deverá analisar. E ou ela se convence da procedência das razões ou não se convence.